

Carta aberta à Igreja brasileira

‘Justiça seja feita!’

Querida Igreja,

Queremos começar esta carta com gratidão. Somos gratos a Deus por fazer parte da Igreja de Cristo e experimentarmos a Vida verdadeira em comunidade. Entretanto, nosso coração se entristeceu e nossos olhos se encheram de lágrimas no último mês de julho.

Juntos, nós – estudantes cristãos brasileiros, seus filhos – estudamos o livro do profeta Amós. Debruçados por uma semana sobre ele, ouvimos a voz do Senhor. E Ele muito nos incomodou ao compararmos a realidade vivida pelo povo de Israel no tempo de Amós e a nossa realidade hoje como Igreja brasileira.

Nós nos entristecemos ao ouvir o “rugido do Leão”¹, mas também fomos alertados a clamar por justiça, a buscar a justiça do Senhor. É neste anseio que escrevemos a seguinte carta:

Esta mensagem é destinada a nós, povo de Deus, que passamos nossas vidas com a certeza da bênção do Senhor ao mesmo tempo que desprezamos o oprimido e vivemos de forma autossuficiente. Consideramos que nossa prosperidade vem de Deus, mas não a compartilhamos. Entristecidos, porém conscientes, afirmamos que grande parte de nossos bens é fruto da exploração e opressão contra o pobre e o necessitado, e não provém necessariamente da mão do Senhor. Desde a mais simples omissão, até a sonegação de impostos e a utilização de força de trabalho desumana e mal assalariada, acreditamos estar transgredindo o direito daquele que não tem voz em nossa sociedade, daquele que o Senhor nos deu como igual.

Temos aliviado nossas consciências ao doarmos uma parte do que ganhamos para missões, quando nossa maior missão mora ao lado e chama de “cama” um estrado, um colchonete furado, um lençol. Temos saído de nossos cultos “cheios de Deus”, enquanto o mesmo Deus está nas ruas, com o mendigo e o órfão. O Senhor odeia a associação de nossas mãos levantadas com nossas obras superfaturadas, nossa complacência quanto ao panorama caótico de nossas cidades, nossas agendas abarrotadas de compromissos supérfluos e, tantas vezes, inúteis². Ele diz hoje: “Afastem de mim o som das suas canções e a música das suas liras. Em vez disso, corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene!”³.

Assim como o Leão ruge de Sião, o Senhor clama dos Altos Céus, buscando nos alertar sobre nosso comodismo em relação à triste realidade social que nos cerca. Nós nos deixamos anestesiarmos pela rotina e, enquanto essa realidade não bate à nossa porta, permanecemos inertes, como se o problema do nosso próximo não nos dissesse respeito. Pecamos no amor, o primeiro e mais importante mandamento. Contra os atos de injustiça e indiferença, Deus promete juízo.

Estamos correndo atrás do vento quando colocamos nossos corações em nossas riquezas e não as vemos como bênçãos do Senhor a serem compartilhadas para aliviar a dor dos que sofrem, para a glória dEle. Estamos tão preocupados com nossas riquezas que buscamos novas formas de segurança que não são de todo ilegítimas, mas constroem apenas uma segurança ilusória. Esquecemos que nosso tesouro deve estar no céu, uma vez que na terra a traça come e o ladrão rouba⁴. Assim como os israelitas, estamos descansando em nossas camas de marfim e festejando em nossas mansões de pedra, enquanto, ao nosso redor, pessoas são oprimidas.

Ao desprezarmos o clamor destas, desprezamos a voz de Deus.

Queremos confessar o pecado de nossa nação⁵.

Paulo, em sua carta aos Romanos, afirma que Deus se ira contra aqueles que suprimem a verdade pela injustiça. Estes, Deus entregou à própria cobiça. Nossa nação tem sido complacente com práticas como o aborto e a homossexualidade. Apesar de rejeitar tais práticas, Deus ama e quer redimir aqueles que as realizam. Estes e toda a criação estão caídos e carecem da Sua glória, mas Ele deseja a reconciliação, ministério que nos foi confiado.

O Brasil tem praticado atos cruéis contra a criança, a mulher, o negro, o indígena, o detento, o professor, o trabalhador, o dependente químico, o faminto, o sem-terra, o homossexual, a mãe solteira, o órfão, a viúva. Nos tornamos cúmplices a partir do momento que ignoramos essa realidade. Temos tapado nossos ouvidos ao mundo que clama por dias melhores, por relações duradouras e por um amor maior. Estamos surdos por nossas próprias músicas, nossos hinos ao ego, pela emoção doentia e por nossos “glória a Deus”. Perdemos também a visão. A prosperidade, ou até mesmo a falta dela, perverte o nosso foco, tornando-nos cegos e impedindo-nos de enxergar a realidade. Nossas profecias de avivamento envolvem apenas nossa própria prosperidade e bem-estar, nunca o próximo. Perdidos em uma fantasia cristã, criamos uma barreira diante de nossos olhos.

Queremos confessar nosso pecado de nos afastarmos da Palavra do Senhor, a Bíblia.

Amós, primeiramente, profetiza contra os povos sem a revelação de Deus, acusando-os de crimes contra a humanidade e revelando qual seria o castigo de Deus para eles. Entretanto, o verdadeiro foco é Israel, que tinha uma responsabilidade maior por conhecer a Deus e seus decretos, mas que ainda assim estava fracassando em sua missão de ser sal e luz. O Senhor colocou na sociedade israelita pessoas que falavam da parte dEle e homens como exemplos a serem seguidos, mas Israel perverteu os nazireus e calou as bocas dos profetas⁶. Longe da Palavra, eles entristeciam e enfureciam o coração de Deus.

Na Bíblia, Deus nos fala como agir e se revela a nós: revela Seu caráter, Suas promessas, Seus mandamentos. A Palavra instrui-nos sobre como agradar a Deus e como nos manter firmes nEle, mas, ao abandoná-la, somos guiados segundo a impiedade de nossos corações, como aqueles que não a conhecem.

Temos falado de justiça, de atitude e de atos sociais. Contudo, se nossos atos não estão baseados nem na Palavra de Deus, nem em orações, não passam de um mero ativismo que provoca apenas religiosidade e orgulho. É pela orientação da Palavra que reconhecemos quem somos e conhecemos as muitas maneiras de adorar e servir a Deus. É por meio dela que Deus nos chama para aplicarmos a Sua justiça e ser exemplos. Israel deveria ser parâmetro para as outras nações. E nós, o Israel de hoje, também somos chamados a mostrar às outras pessoas uma nova vida e o Deus que as ama.

Queremos confessar nosso pecado de opressão ao pobre.

Corações machucados e gritos de socorro de pessoas invisíveis. Invisíveis porque escolhemos fechar olhos e ouvidos para o clamor destes que pedem apenas por amor, mas amor demonstrado por ação, pois o faminto além de querer ouvir “Jesus te ama”, também deseja alimento. O exemplo que Jesus deixou é claro: Ele amou. Um amor traduzido em ação que atraía e constrangia pobres, prostitutas, enfermos, crianças, sábios, religiosos, poderosos. O coração de Deus se enche de indignação quando negamos auxílio àqueles que Ele tanto ama. Envergonhados, chegamos à conclusão que temos falhado, que não temos entendido quem é o nosso próximo, nem sentido sua dor.

O cenário em que vivemos é de desigualdade social, no qual pessoas perdem suas vidas em filas de hospitais, seus sonhos em escolas precárias, suas forças em trabalhos desumanos, oprimidos por uma situação que não lhes permite uma vida digna. Precisamos olhar para o necessitado, pois, quando nos calamus diante dessas situações, concordamos com elas e nosso silêncio passa a ser também opressor. Nós, como cristãos, somos chamados a fazer a diferença, a proclamar a Cristo através de nossos atos. Desejamos não apenas que nossas mentes, corações e atitudes sejam transformadas diariamente por Cristo, mas que nós sejamos também instrumento de transformação!

Portanto, sejamos Igreja fora do ambiente “igreja”. Trabalhemos física e espiritualmente com nossos dons e profissões por estes que estão à margem da sociedade, para que sejam visíveis aos nossos olhos, sentidos em nossos corações. Tratemo-os como seres humanos e, acima de tudo, com amor, a exemplo de Cristo.

Queremos confessar nosso pecado de associar culto à injustiça.

Confessamos que nosso culto tem sido associado à injustiça, pois enquanto cantamos, dançamos e nos alegramos na presença do Senhor, do lado de fora, ou até mesmo ao nosso lado, há pessoas sem pão, sem esperança. Fora dos templos, em nossos carros e camisetas estampamos frases que retratam um deus parcial e não um “Deus que faz chover sobre justos e injustos”. Dizemos que Ele conhece e supre as nossas necessidades, mas nos endividamos impulsionados por nosso consumismo. Em Amós, Deus diz que enquanto a justiça não correr como um ribeiro perene em nosso meio Ele não ouvirá nossas canções.

Estamos cansados da palavra „pastor” ser associada ao roubo, estamos envergonhados por alguns de nossos representantes políticos se venderem por votos. E estamos arrependidos de nos conformar e agir como eles em nossas escolas, faculdades, empregos e igrejas, quando, não agindo e nos calando, aceitamos o erro e a opressão. Busquemos honestidade e justiça, não só entre as roupas de domingo, mas todos os dias e em todos os lugares para verdadeiramente adorar nosso Deus com canções e ações!

Queremos confessar nosso pecado de associar nossa prosperidade corrupta a Deus.

Deixamos de ouvir o mundo para ouvirmos a nós mesmos. Nossa vaidade é o nosso deus, nosso conhecimento é o nosso ídolo e nossa teologia tem se tornado nossa advogada.

Deus não é um meio de ascensão social para nós. Cremos que, apesar de algumas igrejas repudiarem a teologia da prosperidade, elas têm agido de igual maneira ao acumularem

bens e ao não ouvir o grito dos que clamam. Temos sido instrumento de opressão ao vivermos sem atentar para eles. A igreja tem se tornado o mundo nesse sentido. E o mundo, como a Palavra de Deus afirma, jaz no maligno.

Nós nos orgulhamos de nossos templos ornados e de nossos cultos cheios nos domingos, acreditando sermos prósperos. Esquecemos do bairro que sedia nossa igreja, esquecemos das crianças e dos enfermos em prol de nosso bem estar no culto à noite.

Queremos confessar nosso orgulho.

Pelo orgulho e pela ganância, o povo israelita corrompeu seus princípios. Lançaram a justiça ao chão e usaram a religião para se engrandecer. Deus abençoou a Israel e a nação vivia um momento de prosperidade, mas sua ruína estava em justamente permitir o orgulho e o afastamento dos preceitos de Deus.

Nos momentos de paz, quando “tudo vai bem”, nos enchemos de orgulho assim como Israel, pensando, equivocadamente, que essa situação é fruto de nosso próprio esforço. No entanto, esquecemo-nos de que tudo que temos é dádiva dEle e nossa ilusão encobre, momentaneamente, a opressão.

O orgulho nos cega e nos leva à autodestruição. Todos nós estamos sujeitos à soberba, sejamos crianças, pobres, missionários ou universitários. Sondemos nossos corações e clamemos por misericórdia, pois “por Si mesmo” Ele jurou destruir os orgulhosos. Precisamos nos ater à humildade, à dependência total de Deus, reconhecendo que a Sua autoridade deve influenciar todas as nossas ações e que tudo procede dEle.

Israel não esperava que Deus fizesse justiça aos seus atos pecaminosos, uma vez que ia aos templos, oferecia ofertas e cumpria as agendas religiosas. Aguardava o dia do juízo, porém somente às outras nações, consideradas pagãs. Deus, no entanto, prometeu juízo também a Israel e reconhecemos que esse mesmo alerta é destinado a nós. Por isso pedimos: “tem misericórdia de nós, Senhor! Perdoe nossos pecados.” Deus clama dos Altos Céus por mudança e arrependimento, pois Ele, com Sua infinita misericórdia há de nos perdoar e nos direcionar pelo caminho que devemos andar.

Por fim, chocados com nossa realidade cruel e inegável, com a certeza de que o Juízo é certo e está próximo, mas com a esperança do arrependimento como prática, clamamos: JUSTIÇA SEJA FEITA!

Referências:

- 1 - Amós 1.2
- 2 - Tiago 2
- 3 - Amós 5.23-24
- 4 - Mateus 6:19-21
- 5 - Amós 7:2
- 6 - Amós 2: 11-12

Assinamos:

Ana Elizabete Barreira Machado – Goiânia – GO

Cézar de Sousa Macegoza – Cuiabá – MT

Dâmaris Bacon Carvalho – Guará I / Brasília – DF
Gabriel Brisola da Cunha – Juiz de Fora – MG
Karen Aquino Rangel da Costa – Juiz de Fora – MG
Lia Prado Ribeiro do Valle – Belo Horizonte – MG
Luciana Fernandes Nonato da Silva – Cuiabá – MT
Marcos Sousa Roque – Goiânia – GO
Mariane Shen Yin Lin – Belo Horizonte – MG
Natan Borges de Castro – Goiânia – GO
Natany Rodrigues de Magalhães – Sinop – MT
Pâmella Terêncio da Silva – Uberlândia – MG
Patrícia Ferreira da Silva Castro – Goiânia – GO
Pedro Henrique Cavalcante de Moura Brito – Uberlândia – MG
Raul Flávio Barros Rodrigues – Itajubá – MG
Rebecca Paradellas Barrozo – Uberlândia – MG
Renata Braga Costa – Cacoal – RO
Silvana Boita – Sinop – MT
Uziel Amorim de Souza – Juiz de Fora – MG
Victor César de Sousa Marques – Itajubá – MG
Victor Vaz da Costa Vieira – Itajubá – MG
Weinne Willan Moreira Santos – Cuiabá – MT